

(Especial para o "Correio do Povo")

Gustavo Corção

A ideia de festejar o dia do aniversário do nascimento de Jesus surgiu nos primeiros anos do cristianismo, mas a data da celebração só se tornou fixa e universal a partir do quarto século. Na homilia que São João Crisóstomo escreveu no ano 386 vêem-se que as igrejas do ocidente já haviam escolhido, para a festa de Natal, a data de 25 de dezembro, enquanto no oriente a data ainda oscilava entre janeiro e maio, confundindo-se frequentemente com a festa da Epifania ou Manifestação do Senhor aos gentios.

Houve diversas tentativas mais ou menos engenhosas e artificiais para explicar a razão da data que até hoje prevalece, mas o que parece assentado é que o dia foi fixado convencionalmente pela Igreja de Roma, nos primeiros séculos da era cristã, para fazer concorrência e oposição à festa pagã que se celebrava na mesma data em honra do Sol Vitorioso, porque no dia 25 de dezembro, para o hemisfério septentrional, o sol atinge o solstício do inverno e d'ali por diante os dias começam a crescer como se a luz estivesse vencendo as trevas.

A ideia de disputar terreno ao mundo pagão casava-se, no cristianismo primitivo, com a paradoxal repugnância pela idolatria do mesmo mundo pagão. A Igreja nascente aproveitava o que era possível aproveitar, ocupava o que era possível ocupar sem perda de um iota. Os mesmos homens que levavam a intolerância religiosa até o testemunho do sangue, levavam também o ímpeto do apostolado até a técnica da infiltração. Realizavam assim, com forte claro escuro, o mistério da maternidade virginal da Igreja onde se encontram a máxima intolerância e a máxima solicitude. Foi sempre assim. Em Atenas, São Paulo aproveitou o altar dedicado ao deus desconhecido como cabeça de ponte para a entrada do evangelho no mundo helênico. Tertuliano, o ardoroso apologeta, preocupado com a atração que as festas públicas exerciam sobre o povo, exclama que também nós temos as nossas festas e que são mais belas do que qualquer outra as festas cristãs. Mais tarde muitos mosteiros beneditinos se erguerão sobre os alicerces de antigos templos pagãos, e às vezes até, como aconteceu em Monte Cassino, conservarão visíveis alguns sinais da idolatria esmagada. Não poderiam dizer que o grande arcabouço de todo o Império Romano, na sua expansão, na sua tendência à universalidade, foi uma preparação da Igreja Universal?

Terá sido assim também a marcação da festa de Natal em 25 de dezembro. Opondo festa à festa, ocupando uma data, disputando espaço na escala do tempo, como já disputara os terrenos do mundo e os terrenos das almas, a Igreja primitiva marcou convencionalmente o dia do Natal cristão, e o sol, com toda a sua invicta grandeza, e astronômica magnitude, entrou como

um símbolo nessa determinação. Mais tarde, glosando a mesma ideia do gradativo crescimento dos dias a partir do solstício, Santo Agostinho lembra a passagem do evangelho em que João Batista diz: "E' preciso que Ele cresça e que eu diminua". Porque João nasce em junho, no dia em que a luz diminui, e Jesus em dezembro, no dia em que cresce. E mais tarde ainda, no século XIX, alguns racionalistas, que nunca leram um sermão de Santo Agostinho ou de São João Crisóstomo, ficam alvoçados quando descobrem a coincidência da data do Natal com a proximidade do solstício, e d'ali passam a demonstrar, com grande exultação, que o Cristo é apenas um mito solar.

Dizendo que foi convencional a marcação da data do Natal nós contribuimos talvez para fortalecer a convicção dos que pensam que fomos nós que fizemos Deus à nossa imagem e semelhança, ou dos que afixam que em todas as cerimônias, datas, ritos, etc. só existe o que lá pomos de nosso. E então, ainda que Jesus tenha existido, esse Natal, esse duvidoso aniversário será apenas uma invenção de nosso afeto, uma fabricação de nossa ternura, como são todos os humanos aniversários.

A voz da Igreja, entretanto, diz na liturgia do Natal que foi hoje que o Cristo nasceu "Dominus, dixit ad me Filius meus es tu ego hodie genui te". A primeira significação desse "hodie" litúrgico é sem dúvida o da geração eterna, mas o sentido derivado, refratado, distribuído no tempo, é o que atualiza a comemoração, o que coloca no dia de hoje uma realidade espiritual ligada à realidade histórica do nascimento em Belém. Em outras palavras, a convenção uma vez assumida pela Igreja, recebe o divino sinete, e torna-se princípio fecundo de realidades espirituais. Não é somente a terra que prepara o Natal, é principalmente o céu. Não somos nós, apesar de nossa turbulenta atividade visível, que fazemos o Natal. E' Deus que o faz para nós, que o renova, que o repete, pondo nessa renovação e nessa repetição, embora de modo diferente, o mesmo dinamismo que teve sua descida histórica em Belém.

Assim como são reais as estações do ano físico, o amadurecimento dos frutos, o cair das folhas, as chuvas e as calmarias, também reais são as fases do ano litúrgico e realíssimos, como realidades extra-mentais, são os frutos espirituais que o Sol da natividade amadurece. Para nós, viver o natal é viver em contato com as realidades divinas, é inserir dentro dessa oportunidade mística as nossas orações e os nossos afetos, é realizar, como a Igreja indica, o cruzamento de tempo e eternidade, explorando a fundo o hoje litúrgico, é em suma, agora e sempre, optar nitidamente entre as hospedarias do mundo que rejeitaram o menino Deus e a humilde gruta que o acolheu.

— O —

Disse atrás que a festa do Natal expulsou do dia 25 de dezembro uma festa pagã. Ora, tudo indica que o mundo pagão de hoje retomou a ofensiva e quer recuperar o dia 25 transformando-o em festinha folclórica, em serão de ternura humana primeiro, e depois em madrugadas de deboches. Descance leitor, que não vou dizer pela vigésima vez que isto que anda aí pelas ruas não tem nenhuma relação com o nascimento de Jesus, e que não vou pela trigésima vez repetir aquela angustiada interrogação de Machado de Assis. Tornou-se fastidioso o protesto. Virou lugar comum a indignação. Lembrou-me de umas páginas de Bloy nas suas *Meditations dun Boltaire* que começavam assim: "Je n'aime pas les Dimanches..." O domingo é o dia do Senhor, mas quem passava todos os dias da semana amando e sofrendo diante do Altar não aguentava mais a piedade hebdomadária dos que nos Domingos eh"sm fufua libs(M HFR DLB vêm oferecer o mínimo possível ao Senhor. Falta-nos o gênio de Bloy para escrever um artigo que começasse pela declaração de guerra ao natal. O fato, meus amigos, é que com ou sem repetição, o mês de Dezembro é horrível como uma praça de feira cheia de loucos e de ladrões. Haverá coisa mais enjoadada do que o Papai Noel. Coisa mais feia do que essa agitação? Ah! é inútil insistir. No ano passado disse o mesmo. No atrasado também. No retrasado, idem. E o Natal está cada vez pior. Eu acho que podemos pedir a Deus que dê aos nossos pastores a luz e a coragem para fazer certas reformas profundas que obriguem o fiel a uma nitidez maior, que tornem mais clara a opção, a separação, a segregação — sim, a segregação. Acho que está na hora de pedir forcas para podermos sinceramente desejar, preferir, a vida nas catacumbas. Sim, parece que está na hora de desejar, de sonhar com o tempo feliz em que o crente fazia sinais no ar ou na areia para ver se outro passava recibo, e mostrava ser um segurado do Deus ensanguentado. Assim como está, principalmente aqui no Brasil, não podemos ir muito longe sem consequências espantosas. Note bem o leitor que não me queixo do descrente ser descrente. Respeito infinitamente esse segredo de suas relações com o seu Criador. Jamais o acusarei de ser descrente, como jamais me julgarei autorizado a dizer onde é que começa e onde é que acaba a Igreja sem a qual não há salvação. O que é horrível é essa cultura que se inculca como católica e produz essa espécie de Natal!